



JOGOS E BRINCADEIRAS DE MATRIZ INDÍGENA E AFRICANA: RELATO DO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DE UM PLANO TRIMESTRAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Kheoma de Souza Costa Hoffmeister ¹

Alanis Limas Caldas ²

Nelson Demetrio Albarado ³

Jéssica Xavier Camargo ⁴

Robson Costa Soares ⁵

RESUMO

O presente relato descreve a atuação de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), dos cursos de Educação Física e Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) na Escola Municipal Professora Zenir de Souza Braga, utilizando os jogos e brincadeiras de matriz africana e indígena, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Foram realizadas brincadeiras e jogos como a Amarelinha africana, peteca e roubo da melancia. As atividades foram idealizadas a partir de um planejamento trimestral prévio com os bolsistas, supervisor e coordenadora do Subprojeto de Educação Física e Pedagogia do PIBID da FURG. Para criação das aulas foram utilizados vídeos retirados da internet, livros didáticos e artigos focados na temática trabalhada. Em algumas aulas foram confeccionados materiais, destacando a importância dessa produção para enriquecer a aula, valorizar a diversidade cultural e ampliar as possibilidades pedagógicas. As aulas foram realizadas em turmas de anos iniciais da escola e buscou-se promover o reconhecimento da cultura indígena e afro-brasileira, a socialização e a valorização da diversidade cultural entre os alunos. A proposta demonstrou bons resultados no engajamento dos alunos, na superação de estereótipos de gênero e na construção de uma prática corporal significativa. A experiência reforçou a importância da inserção de práticas culturais diversas nas aulas, rompendo com visões reducionistas e contribuindo para uma educação mais inclusiva. A intervenção possibilitou ainda uma rica vivência formativa para os bolsistas, reafirmando o papel do PIBID na qualificação da formação docente inicial.

Palavras-chave: Jogos e Brincadeiras; PIBID; Pedagogia; Educação Física; Docência.

¹Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande - RS, kheomahoffmeister@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal - do Rio Grande, alaniscaldas02@gmail.com;

³Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande - RS, nelson.demetrio10@gmail.com ;

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - do Rio Grande, jessicaxavier276@gmail.com;

⁵ Professor da rede municipal de educação em Rio Grande-RS, Mestre em Educação na Universidade Federal do Rio Grande.





INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é um programa financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que visa melhorar a qualidade do ensino básico público no Brasil através do apoio a projetos de formação de professores (Brasil, 2014). Este relato, produzido por ID's (Iniciação à Docência, sigla destinada aos bolsistas) do subprojeto do PIBID Educação Física e Pedagogia, trará como foi a realização de um planejamento trimestral para o quarto e quinto ano da Escola Municipal Professora Zenir de Souza Braga, como parte de uma tarefa solicitada aos ID's do Subprojeto.

Como o programa preconiza o aperfeiçoamento da formação de professores, esta tarefa concedeu aos ID's a oportunidade de criar, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um planejamento de atividades da forma que os bolsistas se sentissem mais à vontade. Durante a criação do planejamento, os conhecimentos escolhidos foram os Jogos e brincadeiras de matriz africana e indígena e Lutas. Entretanto, os bolsistas, coordenadora e supervisor notaram uma grande riqueza nos Jogos e brincadeiras que os fizeram optar pela mudança no planejamento e foi retirado as atividades voltadas às Lutas.

Ao total foram 7 semanas de atividades que abarcaram a amarelinha africana, o jogo da melancia e a peteca como as principais intervenções trazidas pelos ID's. Tais atividades possibilitaram aos bolsistas a oportunidade de criar planos de aula, aplicá-los em sala de aula e também pensar na construção de equipamentos para que a vivência das crianças fosse possível.

Este relato tem como objetivo expor o processo de criação e mudança do planejamento trimestral, assim como relatar, pelo ponto de vista dos ID's, como foi todo o processo de aplicação dos planos de aula e também a experiência de atuar como professores protagonistas da sala de aula em uma escola pública. Também é objetivo do texto falar sobre o processo de confecção de materiais para que houvesse a aplicação de algumas aulas, as quais não seriam possíveis por conta da falta de materiais que essa e outras escolas da rede pública enfrentam.



METODOLOGIA

O primeiro trimestre letivo, correspondente ao quarto mês de subprojeto, serviu para a inserção dos pibidianos nas escolas, para o supervisor e ID's conhecessem as particularidades das turmas e adentrassem no espaço escolar e à sua rotina, possibilitando correlacionar os conhecimentos teóricos adquiridos em estudos dos meses anteriores na observação dos alunos.

No mês de junho de 2025, durante as reuniões gerais do subprojeto interdisciplinar, os pibidianos se dividiram em pequenos grupos atuantes de cada escola e as duplas que ministram atividades juntos com as mesmas turmas, tiveram a oportunidade de realizar o planejamento para o segundo trimestre letivo. Ao que se refere o presente relato, foi escolhido o conteúdo de Jogos e Brincadeiras de Matriz Indígena e Africana de acordo com o DOCTR cujo as habilidades a serem desenvolvidas foram referentes ao código (EF35EF02-RG02) “Participar de brincadeiras e jogos populares do Brasil e de matriz indígena e africana” (Prefeitura do Rio Grande, 2019). Para a organização do planejamento trimestral foi utilizado o modelo oficial da superintendência da gestão pedagógica da prefeitura municipal do Rio Grande onde detalha os objetos de conhecimento; habilidades a serem alcançadas pelos alunos; metodologia das aulas; avaliação; cronograma semanal com as datas das aulas enumeradas e com breve detalhamento das atividades; materiais utilizados e número de participantes das aulas.

Após a elaboração do plano trimestral pelas duplas, este foi apresentado pelo grande grupo na parte do programa nomeada como reunião geral para que fossem analisados os objetivos, possíveis correções e feedback das duplas sobre desafios para escrita do planejamento ou demais considerações. Dentro do documento elaborado, a metodologia contou com todos os momentos de aula contando com partes inicial, principal e final junto com explicação atenta das origens, diferenças e a própria prática corporal trabalhada em que as aulas tivessem um espaço de escuta dos discentes para que os pequenos contribuíssem com curiosidades e assuntos relacionados a temática se assim fosse desejado. Em relação à organização dos espaços disponíveis, estes foram o ambiente externo, sala de vídeo e sala de





corporeidade. Para a avaliação, esta seria feita através de tarefas de casa e produção de cartazes sobre o objeto de conhecimento.

Durante as idas à escola, a dupla de pibidianos realizou as intervenções nas turmas de quarto e quinto ano do ensino fundamental onde o andamento das aulas iniciava-se com a chamada dos alunos em sala de aula onde eram direcionados ao espaço adequado à prática.

Como parte da explicação, o exemplo corporal é utilizado para melhor entendimento do educando sobre os aspectos procedimentais dos jogos bem como rodadas teste para que os alunos compreendam melhor as regras e possíveis criações de estratégias.

Sobre as brincadeiras, Amarelinha Africana é uma brincadeira de saltos externamente ritmados pela música característica “Minuê, Minuê!” onde os locais de aterrissagem são compostos por dezesseis espaços no chão. O Jogo da Melancia consiste na representação de uma pessoa que cultivava melancias, sendo assim o Dono que com ajuda de seu Cachorro, deve proteger as Melancias do Ladrão que tenta roubá-las para o outro lado da cerca. A descrição das funções dos personagens são as seguintes: aqueles que representam as Melancias se mantêm parados sob a proteção do Dono até que o Ladrão as roube, elas correm no caso do Ladrão pegá-las pelo braço em direção ao lado oposto às outras Melancias ou no caso do Cachorro as pegarem no meio da fuga do Ladrão, as levando para junto das outras Melancias; o Dono fica ao redor das melancias para impedir o Ladrão de roubá-las, se movimentando apenas ao redor das Melancias; o Cachorro fica no meio do espaço e puxa as Melancias do Ladrão para entregá-las ao seu Dono; e o Ladrão corre de um lado ao outro roubando as Melancias para si. A última brincadeira deste relato é o clássico dos jogos de matriz indígena, a Peteca, sendo essa produzida pelos ID's em grande quantidade para a turma com materiais alternativos (bolinha de papel e sacola de plástico fino amarrados por um barbante).

REFERENCIAL TEÓRICO

O referido subprojeto utiliza da base teórica desenvolvimentista para estudo e planejamento das atividades escolares e demais atuações nos quais se referem à iniciação à docência. Baseando-se nesta abordagem, é necessário entender o objetivo norteador de toda





atuação descrita, na qual, seria o processo de *aprender-através-do-mover-se*, o que afirma o fato de que a Educação Física pode influenciar diretamente e de maneira positiva no

aprendizado da criança, em diversos âmbitos e de maneira integral, isto é, em habilidades cognitivas, motoras e sócioafetivas (Gallahue, Donnelly, 2008).

Por conseguinte, o planejamento também é imprescindível. Visto que, esta etapa é o ponto de partida para todo o processo metodológico que dará continuidade. Segundo Becker (2008), o ato de planejar se estende em fases. A primeira seria a elaboração dos objetivos do planejamento, em que é pensado no que deve-se almejar ao fim do plano. Em seguida, ocorre a preparação, focando no conhecimento da realidade que será trabalhada e determinação concreta dos objetivos, seguida pela fase do desenvolvimento, em que o professor irá registrar suas ações, culminando na última etapa, o aperfeiçoamento, caracterizada pela avaliação do que foi exposto e como e o que foi absoldido, podendo ou não ser alterado.

Isto posto, como futuros docentes, é necessário compreender as diversas maneiras de linguagens e suas possibilidades. Destarte, é através das experiências que nos constituímos como indivíduos. O autor Jorge Larrosa Bondía aponta:

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça” (BONDÍA, 2003, p. 21).

Haja vista, a promoção de práticas significativas é fortemente elencada a nossa atuação, pois, assim como está afirmada em documentos orientadores e em de diversas fundamentações teóricas e empíricas, temos ferramentas, possibilidades e metodologias fundamentadas para afirmar tais ações.

Utilizar a ludicidade como ferramenta e compreender que a mesma é um dos pilares centrais para a prática da Educação Física escolar, nos permite visualizar e assim então articular diferentes tipos de saberes corporais, cultural e social, no processo de ensino e aprendizagem. Os jogos e brincadeiras de matrizes indígenas e africana vem ganhando espaço nas trocas acadêmicas, e nas vivências pedagógicas, logo após as implementadas as leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Pesquisas como a de Ricardo et al. (2024) nos mostram que ao incluir essas práticas no ambiente escolar, mas sobretudo nas aulas de educação física possibilita não só o resgate cultural, mas também a





valorização de diferentes culturas e auxilia também na promoção de uma educação antirracista. De forma semelhante Moreira e Barragán (2023), colocam em evidência que os jogos tradicionais afro-brasileiros e indígenas, quando incluídos no currículo ampliam e fortalecem o

repertório pedagógico, possibilitando diálogos entre a comunidade escolar, e patrimônios culturais que por diversas vezes é invisibilizado.

Autores como Freire (2010) e o Coletivo de Autores (1992) defendem que o corpo é elemento central no processo educativo e que o movimento deve ser entendido como uma forma de expressão, criação e emancipação. A Educação Física, portanto, não se limita a desenvolver aspectos motores, mas atua como meio de construção de consciência crítica e de valorização da cultura corporal. Nessa perspectiva, o trabalho pedagógico deve reconhecer as condições concretas de cada escola e buscar, a partir delas, práticas que estimulem a autonomia e o pensamento reflexivo dos alunos.

Betti (1991) complementa ao afirmar que a Educação Física é uma prática social e, como tal, deve possibilitar a leitura crítica do mundo, permitindo que o aluno compreenda as relações entre corpo, cultura e sociedade. De modo semelhante, Darido e Rangel (2005) destacam que as práticas corporais devem ser planejadas de forma a integrar o conhecimento técnico, cultural e social, promovendo o diálogo entre diferentes contextos e saberes.

Além disso, Becker (2008) reforça a importância do planejamento pedagógico como parte do processo reflexivo da docência, compreendendo-o como um ciclo contínuo de elaboração, execução e avaliação, em que o professor analisa criticamente sua prática e realiza os ajustes necessários. Essa reflexão é fundamental para que o docente possa enfrentar desafios como a falta de recursos materiais ou as limitações estruturais das escolas.

Nesse sentido, mesmo que estratégias criativas e o uso de materiais alternativos possam contornar a escassez de recursos, autores como Darido e Rangel (2005) e o Coletivo de Autores (1992) reconhecem que a presença de materiais adequados e de qualidade é indispensável para garantir experiências corporais mais seguras, diversificadas e significativas. O acesso a recursos pedagógicos apropriados amplia as possibilidades metodológicas do professor, permitindo a vivência plena das atividades e o alcance dos objetivos educacionais.





Por fim, Freire (2010) lembra que o papel do educador é criar condições para que o aluno se mova com liberdade e aprenda de maneira significativa, respeitando sua corporeidade e sua cultura. A Educação Física, ao valorizar o movimento como linguagem e o corpo como espaço de conhecimento, torna-se um campo privilegiado para a construção de uma educação emancipadora, crítica e transformadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os dias em que ocorreram as atividades do plano trimestral, o clima da cidade a qual a escola se situa estava predominantemente frio, chuvoso e com neblina no horário da aula, fato que comprometeu a execução de algumas atividades previamente planejadas. Para as atividades da Educação Física, a escola possui uma quadra coberta no teto, mas aberta nos lados com uma estrutura que possui apenas telhado. Há também uma área grande com grama a qual possui rede de vôlei, goleiras e uma pracinha. Entretanto, para a realização do plano utilizou-se apenas a sala de vídeo e de corporeidade pois estão situadas em um ambiente fechado que protege das adversidades do clima.

Forçados pelo mal clima, os IDs adaptaram as aulas, materiais e dinâmicas para que se enquadrassem dentro da sala de corporeidade. Neste espaço, havia diversos materiais e entre eles, grande parte era destinado às aulas de Educação Física. Apesar de ser relativamente amplo, para algumas aulas o espaço acabou sendo um problema pela falta de possibilidade de movimentação dos alunos e a necessidade de fazer alguns rodízios de participantes em algumas aulas. Essa necessidade de adaptação reforça a importância do movimento como elemento essencial da aprendizagem, conforme defende Freire (2010), ao afirmar que a criança aprende no espaço da liberdade e que negar a cultura corporal e o movimento é uma das maiores limitações impostas pela escola. Mesmo em espaços reduzidos, é papel do professor buscar estratégias que mantenham o corpo em ação e o aprendizado significativo.

Apesar da dificuldade relacionada ao espaço, as atividades previamente planejadas obtiveram sucesso quanto à sua aplicação. Na primeira aula, com auxílio de vídeos e falas dos





IDs, os alunos tiveram acesso a um novo conteúdo ao qual ainda não estavam habituados, os jogos e brincadeiras de matriz indígena e africana. O objetivo de inseri-los nas aulas foi introduzir no cotidiano das crianças a cultura corporal de diferentes povos, promovendo novas formas de brincar e, sobretudo, o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo sobre o respeito à diversidade cultural.

Essa proposta está em consonância com a perspectiva da Educação Física Crítico-Superadora, que, segundo o Coletivo de Autores (1992), compreende a cultura corporal como expressão das relações sociais e busca formar sujeitos críticos, capazes de interpretar e transformar a realidade. Nessa mesma linha, Betti (2002) e Darido e Rangel

(2005) destacam que a Educação Física escolar deve estimular o diálogo entre culturas e a valorização das práticas corporais de diferentes comunidades.

A aula inicial com vídeo auxiliou também na aplicação da primeira atividade, a Amarelinha Africana. Como a brincadeira exige muita coordenação motora e rítmica das crianças, os IDs sentiram a necessidade de demonstrar às crianças um vídeo que fosse possível a visualização da execução da atividade. No vídeo, realizado também numa escola, as crianças praticavam a Amarelinha Africana de forma correta, sem tropeços ou erros na “coreografia”. Isso permitiu aos alunos a possibilidade de entender como deveriam praticar, buscando sempre basear-se no ritmo da música, de forma com que todos se movimentassem ao mesmo tempo e nos espaços preestabelecidos sem que houvesse colisão entre os participantes.

Entretanto, mesmo com o auxílio do vídeo houve diversas colisões durante o início a prática da Amarelinha Africana. Observou-se que a atividade possui uma dificuldade grande para sua execução tendo como requisitos a noção de espaço, de ritmo e lateralidade. A execução melhorou assim que aplicamos o “bater palma” como forma de marcar o tempo para que os alunos pulassem, pois além de conseguirem pular no momento certo, bater palma fez com que as crianças iniciassem a cantar a música também, contribuindo com o ganho de maior ludicidade durante a brincadeira. Ao final da aula a brincadeira já havia sido realizada algumas vezes de forma convincente, o que motivou os IDs a aplicarem a variação de duas filas opostas. E, embora fosse uma variação com uma dificuldade grande de execução, as crianças conseguiram realizá-la.

A segunda atividade a ser aplicada foi o Roubo da Melancia que é típica da região norte do Brasil que tem origem indígena. A brincadeira foi muito bem recebida pelas crianças pois





instigou a imaginação delas durante a prática por conta de fingirem ser o cachorro, os fazendeiros e os ladrões. Como é uma atividade de fácil assimilação, logo no início algumas crianças já estavam criando estratégias para que pudessem chegar mais facilmente ao seu objetivo, seja “defendendo ou roubando as melancias”.

Mesmo com a limitação de espaço que as crianças tinham na sala de corporeidade, não houve dificuldade de execução da atividade, embora um espaço mais amplo seja recomendado para que haja uma menor probabilidade de acidentes e mais liberdade para correr. A atividade durou todo o horário de aula e o que chamou a atenção foram as poucas pausas para ida ao banheiro ou descanso, refletindo assim a ludicidade da brincadeira.

A brincadeira da peteca foi realizada também na sala de corporeidade da escola e foi na que mais se percebeu a dificuldade que o espaço pequeno traz para as aulas de educação física. Como não haviam petecas suficientes para que cada aluno pudesse se familiarizar, dividimos a turma em duplas para que pudessem praticar juntos. Na aula estavam presentes cerca de 14 alunos e, como era necessário uma certa distância entre eles, muitas vezes acontecia da peteca de uma dupla atrapalhar outra dupla, ou ser atirada para longe, fazendo com que quem fosse buscá-la atrapalhasse os demais.

Mas apesar da dificuldade encontrada, a brincadeira também foi um sucesso com as crianças tanto na aquisição de habilidades para controlá-las, quanto em relação a ludicidade e adesão na prática. Foram realizadas variações como tapear o máximo de vezes que conseguissem e utilizar cones como local de arremesso e recepção, mas a variação que obteve maior sucesso foi a do jogo em equipes. Foi amarrada uma corda na sala de forma a dividi-la horizontalmente em duas, para que houvesse espaço para 3 “quadras” de jogo onde disputa de duplas. O ponto alto da atividade foi quando os IDs e o professor supervisor participaram dos jogos, motivando as crianças a jogar com os professores.

Algo que merece reflexão é a simplicidade das brincadeiras aqui relatadas, tendo como requisitos riscos no chão, a peteca criada com sacola, papel e cordão ou até mesmo apenas um espaço, como no caso da brincadeira Roubo das Melancias. Essa simplicidade, longe de representar uma limitação, expressa a criatividade e a capacidade humana de ressignificar o corpo e o ambiente, aspectos valorizados por Freire (2010), que defende uma Educação Física voltada para a liberdade do movimento e a concretude da aprendizagem.

Além disso, conforme o Coletivo de Autores (1992), a Educação Física Crítico-Superadora propõe que o professor aproveite as condições concretas da realidade escolar,





utilizando materiais alternativos e situações do cotidiano como parte do processo educativo, promovendo assim a autonomia e a reflexão crítica dos alunos. Betti (2002) e Darido e Rangel (2005) também apontam que a prática pedagógica na Educação Física deve privilegiar o significado social das atividades e a construção coletiva do conhecimento, e não apenas a reprodução de modelos prontos. Nesse sentido, as brincadeiras simples e criadas com materiais alternativos se tornam potentes instrumentos de aprendizagem, expressão cultural e valorização da criatividade infantil.

A construção das petecas possibilitou aos IDs superar as dificuldades decorrentes da falta de materiais, realidade comum em muitas escolas públicas brasileiras. Embora não

represente a solução ideal, já que os materiais específicos do jogo de peteca oferecem uma experiência mais completa às crianças, a confecção com sacolas, papel e cordão proporcionou aos alunos uma vivência única, que talvez não ocorresse sem a iniciativa criativa dos IDs. Essa prática dialoga com a perspectiva da Educação Física Crítico-Superadora, apresentada pelo Coletivo de Autores (1992), ao compreender que o professor deve partir das condições concretas e materiais disponíveis na escola para promover uma educação significativa e socialmente contextualizada.

A execução do planejamento trimestral, fundamentado em Jogos e Brincadeiras de Matriz Indígena e Africana, alcançou com êxito os objetivos propostos tanto para as crianças da escola quanto para o próprio propósito do PIBID: promover a iniciação à docência e a inserção dos licenciandos no ambiente escolar desde a graduação. O exercício de planejar, enfrentar dificuldades, replanejar e aplicar aulas reflete o cotidiano docente, e, por meio do PIBID, os IDs vivenciam essa experiência formativa tão significativa, que certamente contribuirá para o aprimoramento de sua futura atuação como professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada durante o desenvolvimento do plano trimestral evidenciou a importância da flexibilidade pedagógica e da capacidade criativa do professor de Educação Física diante das adversidades estruturais e climáticas. Mesmo com as limitações de espaço e materiais, foi possível promover aulas significativas e prazerosas, nas quais o movimento, a ludicidade e a interação entre as crianças estiveram sempre presentes. A adaptação das atividades à sala de corporeidade, o uso de materiais alternativos e a confecção das petecas





mostraram que a escassez de recursos pode ser transformada em oportunidade pedagógica quando se valoriza a inventividade e a cooperação. Contudo, é importante destacar que, embora seja possível contornar a falta de recursos com criatividade, é fundamental que as escolas disponham de materiais de qualidade e adequados às práticas corporais, garantindo experiências mais completas, seguras e inclusivas para os alunos.

As vivências desenvolvidas também contribuíram para o fortalecimento do pensamento crítico e do respeito à diversidade cultural, possibilitando às crianças conhecer novas formas de brincar e compreender outras expressões da cultura corporal. As atividades

proporcionaram momentos de descoberta, troca e reflexão, aproximando o aprendizado escolar da realidade social e cultural dos alunos.

Por fim, o processo de planejar, aplicar e replanejar as aulas mostrou-se essencial para a formação docente dos IDs, permitindo-lhes perceber que ensinar Educação Física na escola pública exige sensibilidade, criatividade e compromisso social. As experiências vividas reafirmam o valor do PIBID como espaço formativo que une teoria e prática, incentivando uma Educação Física crítica, participativa e significativa, mesmo diante dos desafios que se impõem no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Elizete Lanzoni, et al. **Metodologia: construção de uma Proposta Científica**. Curitiba: Editora Camões 87 (2008).

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade: a escola e o esporte na formação humana**. Campinas: Papirus, 2002.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação** (2002): 20-28.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Brasília, DF: CAPES,

2014. Atualizado em: 21 jun. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 23 set. 2025.





COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (orgs.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

GALLAHUE, David L.; DONELLY, Frances Cleland. **Educação Física Desenvolvimentista para todas as idades**. São Paulo. Editora Phorte, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. Secretaria de município da educação. **Documento orientador do território Rio-Grandino: ensino fundamental** [recurso eletrônico] vol. 2, p. 316- 333, 2019.

